

REVISTA OLORUN, n. 01, dezembro de 2010

ISSN 2358-3320 – www.olorun.com.br

ORÍ NÌKÀN: O CULTO DE ORÍ COMO ÒRÌSÀ INDIVIDUAL.

Luiz L. Marins

www.luizlmarins.com.br

Revisão 2 em janeiro de 2012

Republicada Revista Olorun n. 07

Revisão 3 em março de 2018

Não republicada.

RESUMO

O propósito deste texto é apresentar alguns versos dos oráculos iorubas que mostram a independência de *Orí* em relação aos *Òrìsà*, atendendo assim o aspecto filosófico do tema. No aspecto litúrgico, apresentaremos um rito de bori registrado por Pierre Verger na década de 1950, que mostram na prática ritual esta independência. Finalizaremos com algumas observações filosóficas sobre a perda do conceito de *Orí* como *Òrìsà* individual, e a reinvenção do rito.

PALAVRAS CHAVES: Ioruba, *Orí*, Filosofias Africanas

INTRODUÇÃO

A intenção deste texto pode parecer redundância para alguns centros religiosos mais centralizados, entretanto, não o é para outros segmentos mais regionalizados e afastados das regiões tidas como centros afro-religiosos.

Não será propósito deste trabalho o estudo da Noção de Pessoa propriamente dita, embora esteja intimamente relacionada com o monoteísmo de *Orí*. Sim, *Orí* é um culto e rito monoteísta, ele é único para cada pessoa. Em seu monoteísmo estão embutidos, subentendidos e resumidos, os conceitos de *ìpín-odù* (destino), *ìdílé* (clã), *èmí* (espírito eterno), *enìkejì* (protetor espiritual), *okàn* (individualidade, alma), *ìwa* (caráter), *ìpilèsè* (origem) *egbé-òrun* (sociedade espiritual), *àlàbò'run* (protetor espiritual), *ipòrí* (origem ancestral), *ebí* (família) etc.¹

Para nosso propósito, *Orí* será tratado como um aglutinador e concentrador de todas estas “qualidades”. Sobre a individualidade de *Orí*, vejamos o que diz Abimbola (1975, pg. 114-6):

“[...] Os iorubas reconhecem *Orí* como um dos deuses de seu panteão. De fato, num certo sentido, *Orí* pode ser considerado como o deus mais importante sobre todos os outros [exceto Olódùmarè]. O *Orí* de todo ser humano é reconhecido como seu deus pessoal, do qual espera-se que seja o mais preocupado com seus interesses, muito mais que os outros deuses que são considerados como pertencentes a todos.

Como um deus, *Orí* é cultuado e propiciado pelos iorubas, [e] os deuses, eles mesmos tem seu próprio *Orí* dirigindo seus afazeres diários da vida. Assim como os humanos, os deuses conhecem os desejos de seu *Orí* através da consulta de Ifá; [e] *Òrúnmilà*, ele próprio, consulta seus instrumentos divinatórios para conhecer os desejos de seu *Orí* [...]

Neste tema sobre *Orí* podemos encontrar mitos que explicam o processo de seleção de *Orí* no *òrun* para o sucesso ou falência individual na terra. Estes mitos também enfatizam o ponto que *Orí* é maior que qualquer outro deus e que cada pessoa deveria levar todos os seus problemas primeiro para seu *Orí* [...].”

¹ Estes conceitos foram estudados nas edições anteriores da Revista Olorun (<http://www.olorun.com.br>).

Assim como os *Òrìṣà*, *Orí* também possui cânticos e louvações destinados apenas a ele. Os iorubas dedicam a *Orí* muitas canções e poemas, cujas súplicas e louvações sempre buscam um bom destino no mundo. Um canto para *Orí* recolhido por Salami (2008, p. 58), enaltece as qualidades de *Orí*:

1. *Orí* ló dá mi
2. Èyàn kó o
3. Olórun ni
4. *Orí* ló dá mi
5. *Orí* Agbe ló dágbe; ló dágbe
6. Àtárí àlùkò ló sì dálùkò
7. Èniyàn kó
8. Elédàá mi ló dá mi
9. Èyàn kó o
10. Eledàá mi ló dá mi

1. Foi meu *Orí* que me criou
2. Não foi um ser humano
3. Foi Olódùmàrè
4. Foi meu *Orí* que me criou
5. O orí de Agbe criou o pássaro Agbe
6. O orí de Aluko criou o pássaro Aluko
7. Ele não é um ser humano
8. Ele é meu criador, que me fêz
9. Ele realmente não é uma criação humana
10. Ele é o meu criador, que me criou

Outro canto, agora recolhido por Omidire (2004, p. 127) também enfatiza *Orí* como dono e responsável do destino pessoal:

Orí Loníse

Orí loníse, yé o!

Orí loníse èdá l'àyànmó ò

Oba òkè tó gbé wa níyì, ló gbé wa ga

Orí loníse èdá l'àyànmó ò

Orí diz o que a pessoa vai ser, compreenda!

Orí diz o que a pessoa vai ser, mas é somente o Criador que sabe o destino

O Rei do Alto é que nos dá a honra

Orí diz o que a pessoa vai ser,

Mas é somente o Criador que sabe o destino

Um cântico do músico iorubá King Sunny Ade, também recolhido por Omidire (2004, p. 130) vem esclarecer ainda mais a filosofia de *Orí* como *Òrìsà* pessoal:

Jà fúnmi!

Orí mi yé o,

Jààà, já fúnmi!

Èdá mi iye o,

Jààà, já fúnmi!

Orí bàbá mi,

Jààà, já fúnmi!

Orí mi má mà gbàgbé já fúnmi!

Por favor, meu *Orí*

Me socorra, me proteja!

Meu criador

Me socorra, me proteja!

Orí, meu pai

Me socorra, me proteja!

Meu *Orí*, não se esqueça de me socorrer!

1. ORÍ NÌKÀN

Dos versos de *Ifá* que falam de *Orí*, queremos destacar o *léselese*² *Orí Nìkàn* (*Orí*, o único), pois nenhum é tão significativo para os iorubas, e ao mesmo tempo tão revolucionário para nós, afro-brasileiros.

Ao refletirmos sobre profundidade deste poema, chegamos a tomá-lo à guisa de uma reforma religiosa, que talvez tenha ocorrido em algum momento imensurável do caminhar espiritualista do antigo povo nagô, hoje unificados sob o nome internacional de iorubas. Este poema do *odù Ògúndá Méjì* foi coletado em pesquisa de campo por Abimbola (1976, pg. 158), publicado pela Unesco.³

Resumo: ⁴

“*Ifá* perguntou a vários *Òrìṣà*, inclusive *Òrúnmilà*, qual deles poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem, sem retornar. Um de cada vez, todos *Òrìṣà* responderam que sim, que poderiam.

Então *Ifá* perguntou o que eles fariam se, antes da viagem, visitasse a terra natal, e lá fossem recebidos com festa, e lhe oferecessem todas as comidas e bebidas de que eles mais gostavam. Todos os *Òrìṣà*, inclusive *Òrúnmilà*, responderam que primeiro comeriam e beberiam até ficarem fartos, e depois iriam para suas casas.

Ifá disse-lhes que nenhum dos *Òrìṣà*, inclusive *Òrunmilà*, não poderiam acompanhar seu devoto numa longa viagem, sem retornar. Os babalaôs pediram então a *Ifá* que lhes dissesse quem

² Poema. Literalmente, “uma lista de ...”, no caso, versos. (CMS, 2001, pg. 153).

³ A tradução é nossa, a partir do inglês, com consultas aos dicionários de ioruba, quando necessárias.

⁴ Segundo Abimbola, o *bàbáláwo* informante deste e outros poemas do livro é Alawonifa Animasaun Oyedele Isola, 48 anos (na época), *Ilé Beesin, Pakoyi, Òyó*, entre 1963 e 1970; método de pesquisa: gravação e escrita; local da coleta: *Baàsì* e *Onsà* campus, *Òyó*.

poderia acompanhar seu devoto para onde ele fosse. *Ifá* respondeu que *Orí* é o único que pode acompanhar ser devoto para uma longa viagem, sem retornar.”

Ògúndá méjì ⁵

Orí Nìkàn ⁶

(*Orí* é o único)

1. “Quando entramos no quarto sagrado”
2. “Abaixamos a cabeça na porta”
3. *Àpèjò Òrìsà, Àpèjò Ifá* ⁷
4. *Ifá* colocou a seguinte questão:
5. Qual *Òrìsà* pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
6. *Sàngó* disse que ele poderia.
7. Foi perguntado a ele:
8. “O que você faria?”
9. “Se após tiver caminhado por um longo tempo”
10. “Você chegasse em *Kòso*, seu *ìdílé*, e eles te preparassem:”
11. 1 *àgbo* (carneiro)
12. 2 *àkùkò* (galo)
13. *Gbègìrì* (um tipo de sopa de feijão)
14. *Okà* (pudim de farinha de inhame)
15. *Órógbó* (noz de cola amarga)
16. *Sàngó* respondeu:
17. “Depois que comer até ficar satisfeito”
18. “Eu retornaria para minha casa”

⁵ Um dos dezesseis principais signos divinatórios de *Ifá*, chamados *Ojú Odù*.

⁶ A versão e adaptação do texto é nossa, como também o título dado, que foi tomado por empréstimo de um dos versos finais do próprio poema, na sua versão em ioruba.

⁷ “Reunião de *Òrìsà*, reunião de *Ifá*”. Inserimos este verso para melhor adequação do texto, sem prejuízo do contexto.

19. Foi dito para Sàngó
20. Que ele não poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar.
21. Àpèjò Òrìsà, Àpèjò Ifá
22. Ifá colocou a seguinte questão:
23. Qual Òrìsà pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
24. Oya disse que ela poderia.
25. Foi perguntado a ela:
26. “O que você faria?”
27. “Se após você tiver caminhado um longo tempo”
28. “Você chegasse em Irá, seu ìdílé, e eles te preparassem:”
29. 1 ewúre (cabra)
30. 2 àgbébò (galinha)
31. 1 ìkòkò ègbo (1 pote de milho cozido)
32. Oya respondeu:
33. “Depois que comer até ficar satisfeita”
34. “Eu retornaria para minha casa”
35. Foi dito para Oya
36. Que ela não poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar
37. Àpèjò Òrìsà, Àpèjò Ifá
38. Ifá colocou a seguinte questão:
39. Qual Òrìsà pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
40. Òòsàálá disse que ele poderia.
41. Foi perguntado a ele:
42. “O que você faria?”
43. “Se após tiver caminhado por um longo tempo”
44. “Você chegasse em Ifón, seu ìdílé, e eles te preparassem:”
45. 1 ewuré (cabra)
46. 2 àgbébò (galinha)
47. Ìgba ìgbín (duzentos caracóis)
48. 2 eyelé (pombo)
49. Ègbo (milho branco cozido)

50. *Ò̀sàá́lá* respondeu:
51. “Depois que comer até ficar satisfeito”
52. “Eu retornaria para minha casa”
53. Foi dito para *Ò̀sàá́lá*
54. Que ele não poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar.
55. *Àpèjò Ò̀rìsà, Àpèjò Ifá*
56. *Ifá* colocou a seguinte questão:
57. Qual *Ò̀rìsà* pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
58. *È̀sù* disse que ele poderia.
59. Foi perguntado a ele:
60. “O que você faria?”
61. “Se após tiver caminhado por um longo tempo”
62. “Você chegasse em *Kétu*, seu *ìdílé*, e eles te preparassem:”
63. 1 *obúkò* (cabrito)
64. 2 *ákùkò* (galo)
65. *Epo pupa* (azeite de dende)
66. *È̀sù* respondeu:
67. “Depois que comer até ficar satisfeito”
68. “Eu retornaria para minha casa”
69. Foi dito para *È̀sù*
70. Que ele não poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar.
71. *Àpèjò Ò̀rìsà, Àpèjò Ifá*
72. *Ifá* colocou a seguinte questão:
73. Qual *Ò̀rìsà* pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
74. *Ò̀gún* disse que ele poderia.
75. Foi perguntado a ele:
76. “O que você faria?”
77. “Se após tiver caminhado por um longo tempo”
78. “Você chegasse em *Ìré*, seu *ìdílé*, e eles te preparassem:”
79. 1 *ajá* (cachorro)
80. 2 *àkùkò* (galo)

81. *Èwà dín* (feijão frito)
82. *Qtí-bàbà* (cerveja de milho)
83. *Epo pupa* (azeite de dende)
84. *Ògún* respondeu:
85. “Depois que comer até ficar satisfeito”
86. “Eu retornaria para minha casa”
87. Foi dito para *Ògún*
88. Que ele não poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar.
89. *Àpèjò Òrìsà, Àpèjò Ifá*
90. *Ifá* colocou a seguinte questão:
91. Qual *Òrìsà* pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
92. *Òsun* disse que ela poderia.
93. Foi perguntado a ela:
94. “O que você faria?”
95. “Se após tiver caminhado por um longo tempo”
96. “Você chegasse em *Ìjùmu*, seu *ìdílé*, e eles te preparassem:”
97. 1 *ewúre* (cabra)
98. 2 *àgbébò* (galinha)
99. *Èko* (bolo de farinha de milho)
100. *Yánrin* (língua-de-vaca)
101. *Sèkèté* (cerveja de milho)
102. *Oyin* (mel)
103. *Òsun* respondeu:
104. “Depois que comer até ficar satisfeita”
105. “Eu retornaria para minha casa”
106. Foi dito para *Òsun*
107. Que ele não poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar.
108. *Àpèjò Òrìsà, Àpèjò Ifá*
109. *Ifá* colocou a seguinte questão:
110. Qual *Òrìsà* pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
111. *Òrúnmilà* disse que ele poderia.

112. Foi perguntado a ele:
113. “O que você faria?”
114. “Se após tiver caminhado por um longo tempo”
115. “Você chegasse em *Ìgètí*, seu *ìdílé*, e eles te preparassem:”
116. 2 *ewúre* (cabra)
117. 2 *àgbébò* (galinha)
118. 2 *eku* (rato do mato)
119. 2 *eja* (peixe)
120. *Okà* (pudim de farinha de inhame)
121. *Ata* (pimenta)
122. *Sèkèté* (cerveja de milho)
123. *Òrúnmilà* respondeu:
124. “Depois que comer até ficar satisfeito”
125. “Eu retornaria para minha casa”
126. Foi dito para *Òrúnmilà*
127. Que ele não poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar.
128. Os babalaôs ficaram confusos, eles se calaram.
129. Eles não puderam dizer uma só palavra
130. Porque eles não entenderam o assunto
131. Um a um, eles estavam dizendo:
132. “*Òrúnmilà mo jéwó òbùn*”
133. “*Wáá dáso ró mi*”
134. “*Òrúnmilà, ìwo laráa 'wájú*”
135. “*Èmi lèrò èyìn*”
136. “*Se bí ìwo lò ó k'ómo lóràn bí iyekan omọ*”
137. “*Èmi lèrò èyìn*”
138. “*Òrúnmilà*, eu confesso minha ignorância”
139. “Por favor, cubra-me com sua sabedoria”
140. “*Òrúnmilà*, você é nosso líder”.
141. “Nós somos seus seguidores”
142. “Você é o instruído que ensina coisas sabedoria para seus filhos”

143. “Nós somos seus seguidores”
144. *Àpèjo Òrìsà, Àpèjo Ifá*
145. *Ifá* colocou a seguinte questão:
146. Qual Òrìsà pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
147. *Ifá* disse: é *Orí* !
148. “*Orí* é o único que pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar”.
149. *Òrúnmilà* disse:
150. “Quando um sacerdote de *Ifá* morre”
151. “Dizem que seus instrumentos divinatórios devem ser jogados em um buraco”
152. “Quando um *omo Sàngó* morre”
153. “Dizem que suas ferramentas deveriam ser jogadas fora”
154. “Quando um *omo Òòsàálá* morre”
155. “Dizem que seus instrumentos devem ser enterrados com ele”
156. “Mas, o *Orí* de seu devoto nunca é separado dele”.
157. Eles tinham agora entendido a mensagem de *Ifá*
158. Eles estavam alegres, eles estavam cantando:
159. “*Bí mo bá lówó lówó*”
160. “*Orí ni n ó rò fún*”
161. “*Orî mi, ìwò ni*”
162. “*Bí mo bá bímò láyé*”
163. “*Orí ni ó rò fún*”
164. “*Orî mi, ìwò ni*”
165. “*Ire gbogbo tí mo bá ni láyé*”
166. “*Orí ni ó rò fún*”
167. “*Orî mi, ìwò ni*”
168. “*Orí pèlé*”
169. “*Atèté níran*”
170. “*Atètè gbe'ni k'òòsà*”
171. “*Kò s'òòsà tí í dá'ni í gbè*”
172. “*Léyìn Orí eni*”
173. “*Orí, pèlé*”

174. “Orí àbìyè”
175. “*Eni Orí bá gbéboo rẹ*”
176. “K’ó yò *sèsè*”
177. “Se eu tenho dinheiro”
178. “É a Orí a quem eu devo louvar”
179. “Se eu tenho filhos na terra”
180. “É a Orí a quem eu devo louvar”
181. “Meu Orí, é você que eu louvo”
182. “Todas as coisas boas que eu tenho na vida”
183. “É a Orí quem eu devo louvar”
184. “Meu Orí, é você que eu louvo”
185. “É Orí aquele que eu sempre louvarei”
186. “Meu Orí, é você que eu louvo”
187. “Eu te saúdo”
188. “Você é aquele que não esquece seu devoto”
189. “Que abençoa seu devoto mais que qualquer outro *Òrìsà*”
190. “Nenhum *Òrìsà* abençoa um homem”
191. “Sem o consentimento de seu Orí”
192. “Orí, eu te saúdo”.
193. “A pessoa que fez *ìborí*”
194. “Aceito pelo seu Orí”
195. “Receberá muitas alegrias”
196. *Àpèjò Òrìsà, Àpèjò Ifá*
197. *Ifá* colocou a seguinte questão:
198. Qual *Òrìsà* pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar?
199. *Ifá* disse: Orí!
200. Orí é o único que pode acompanhar seu devoto numa longa viagem sem retornar.
201. *Ifá* diz assim.

2. OS ÒRÌȘÀ CULTUAM ORÍ

Um ese do odù ògúndá, recitado pelo Bàbálórìșà Salako de Òyó, coletado e publicado por Bascom (1993, pg. 451), mostra que Iyemoja cultuou seu Orí para conseguir ter filhos.

Resumo:

“Iyemoja consultou o oráculo porque não tinha filhos. Foi dito a ela que ela deveria fazer uma oferenda para seu Orí. Ela seguiu a receita do oráculo, e ofereceu tudo para seu Orí. Depois que ela fiz isso, ela passou a gerar muitos filhos, inclusive, Dàda, Sàngó e Egúngún.”

Ògúndá⁸

Iyemoja faz ebò a Orí para ter filhos⁹

1. Quando sacrificamos ìgbín (caracol)
2. Nós não encontramos épón (vermelhão)
3. Qde ògòngò (larvas da palmeira) precisam ter sempre omi
4. Jogo para Iyemoja Omígbadé Àdùfẹ
5. Filha de Aje'gòngò
6. Iyemoja disse:
7. “O que posso fazer para ter muitos filhos?”
8. Eles disseram que ela deveria fazer uma oferenda
9. O que ela deveria oferecer?
10. 26.000 búzios
11. 1 aso funfun (pano branco)

⁸ O terceiro signo do jogo de buzios.

⁹ A versão e adaptação do texto é nossa.

12. *Omi tútù*¹⁰ (água fria)
13. 16 *ìgbín* (caracóis)
14. 16 *ògòngò*
15. Eles disseram que ela deveria oferecer tudo para seu *Orí*
16. Ela deveria que ela deveria pegar um pote de *omi tútù* (água fria)
17. Colocar os dezesseis *ògòngò* e os dezesseis *ìgbín*, dentro
18. E beber dessa água todos os dias
19. *Iyemoja* ouviu, ela fez o sacrifício.
20. Depois que ela fez as oferendas
21. Ela começou a ter filhos,
22. E seus filhos foram numerosos
23. Ela deu nascimento a *Dàda*
24. Ela deu nascimento a *Sàngó*
25. Ela deu nascimento a *Egúngún*
26. Ela estava louvando os *awo*
27. E os *awo* estavam louvando *Òrìsà*
28. Eles estavam cantando:
29. “*A pà'gbín*”
30. “*Nwon ò k'épón*”
31. “Nós sacrificamos *ìgbín* (caracol)”
32. “Não encontramos *épón* (vermelhão)”
33. Jogo para *Iyemoja Omígbadé Àdùfẹ*
34. Filha de *Ajẹ'gòngò*
35. *Òrìsà* diz: ire *omo*!
36. *Òrìsà* diz assim.

¹⁰ Advérbio quantitativo (CMS, 2001, pg. 155).

3. IFÁ DIZ QUE OS BABALAÔS DEVEM PEDIR TUDO A ORÍ

O próximo ese pertencente ao odù òyèkú méjì e publicado por Abimbola (1976 b, p. 143), mostra que Ifá não pode atender os desejos dos babalaôs. Eles foram orientados a cultuarem Orí, para conseguirem todas as coisas boas da vida.

Resumo:

“ Os babalaôs consultaram Ifá a respeito de suas próprias vidas, pois estavam passando necessidade de tudo. Mas o que eles desejavam, Ifá não queria. Òrúnmilà disse-lhes que eles fossem queixar com Èsù. Eles foram. Èsù, disse-lhes que eles fossem queixar-se com Orí. Eles fizeram isso. Depois que eles foram falar com Orí, a vida deles melhorou, e eles começaram a conquistar todas as coisas boas da vida.”

Òyèkú-Méjì

Ifá diz que os babalaôs devem pedir o que querem para eles, a Orí

1. Olóòótó tí mbe láyé ò p'ógún
2. Sìkàsìkà ibè won ò mọ níwòn egbèfà
3. Homens maus são a maioria
4. O dia da justiça não está longe
5. É por isto que alguém não se ofende
6. Ifá foi consultado sobre vários assuntos
7. Que os sacerdotes de Ifá desejavam,
8. Mas que não era desejo de Ifá.
9. Eles não tinham dinheiro,
10. Eles não tinham mulheres,
11. Eles não tinham filhos.
12. Eles queixaram-se com Òrúnmilà
13. Eles disseram que estavam procurando estas coisas

14. *Òrúnmilà* disse-lhes que fizessem seus pedidos a *Èṣù*
15. Eles foram e queixaram-se com *Èṣù*
16. *Èṣù* disse-lhes que todas as coisas que eles desejavam
17. Não eram as coisas que *Ifá* desejava
18. *Èṣù* disse-lhes:
19. “Vocês, sacerdotes de *Ifá*”
20. “Vão queixar-se com seu *Orí*”
21. Eles ouviram,
22. Eles foram queixar-se com *Orí*
23. Quando os *babalaôs* fizeram assim
24. A vida deles veio a ser boa
25. Eles começaram a dançar
26. Eles estavam alegres
27. Eles estavam louvando os sacerdotes de *Ifá*
28. Eles estavam cantando:
29. “*Orí mi, òlùgbàlà mi*”
30. “*Àpo'ore, òlùgbàlà mi*”
31. “Meu *Orí*, meu salvador”
32. “*Àpo'ore, minha salvação*”
33. Eles disseram que *Ifá* tinha falado a verdade
34. *Olóòótó tí mbe láyé ò p'ógún*
35. *Sìkàsìkà ibè won ò mọ níwòn egbèfà*
36. O dia da justiça não está longe
37. É por isto que alguém não se ofende
38. *Ifá* foi consultado sobre vários assuntos
39. Que os *babalaôs* desejavam
40. Mas que não era desejo de *Ifá*
41. O meu *Orí* é aquele a quem eu devo pedir
42. E são as orientações do meu *Orí* que devo seguir
43. Para conseguir todas as coisas boas na vida
44. *Ifá* diz assim.

4. ORÍ VENCE OS ÒRÌSÀ

O poema a seguir pertence *odù Ejìogbè* no *èrìndínlógún*, narrado por Salako, e publicado por Bascom (1993, p. 141). Ele mostra-nos como *Orí* lutou com os *Òrìsà*, e os venceu.

Resumo:

“Os *Òrìsà* estavam indo para uma reunião na casa de *Ọlọfin*, e *Orí* também estava com eles. No meio da caminho, uma mulher que trazia dois *obi*¹¹ na mão, passou por eles e não os cumprimentou.

Sàngó pediu-lhe satisfação, mas não conformado, tomou-lhe os *obi*, comeu um, e pegou o outro para levar a *Ọlọfin*. Quando lá chegaram, todos *Òrìsà* saudaram *Ọlọfin* e deram-lhe presentes. *Sàngó* ofereceu-lhe o *obi* que havia tomado da mulher. *Orí* então perguntou quem havia tomado *obi* da mulher no caminho, e *Sàngó* respondeu que foi ele. *Orí* disse a *Sàngó* que ele era um estúpido, no que *Sàngó* retrucou. Eles começaram a lutar. *Orí* levantou *Sàngó* e o lançou para *Koso*. Os outros *Òrìsà* vieram ajudar *Sàngó*, mas *Orí* levantou cada um deles e os lançou para suas cidades. Assim *Orí* venceu a todos.

Tempos depois, os *Òrìsà* reuniram-se novamente e disseram que a questão com *Orí* não estava resolvida. Eles iriam lutar de novo, e foram para a casa de *Orí*. Mas *Orí* havia consultado antes e foi dito para ele que tivesse muita comida e bebida na sua casa. Eles fez isso.

Quando os *Òrìsà* chegaram, eles o chamaram para lutar, mas *Orí* perguntou a cada um deles, se eles estavam bem nas cidades que ele, *Orí*, os havia lançado. Eles responderam que sim, eram cultados e tinham todas as coisas boas da vida. Então *Orí* disse que se não fosse por ele, eles não teriam nada disso. *Orí* mandou-os entrar e serviu-lhes muita comida e bebida. Todos comeram, cantaram e dançaram. Assim *Orí* superou a todos *Òrìsà*.”

¹¹ Noz de Cola. Cola Acuminata.

*Ejiogbè*¹²

Orí vence os Òrìsà

1. *Oluwára Okun*¹³
2. *Abori le kókó bi serín*
3. “Aquele que tem a cabeça dura como ferro”
4. *Ekú Osanyin wo òòrun ma la*
5. “As sementes de *Osanyin*¹⁴, o sol bate mas não as racha”
6. *Alawo nwon ni bimò tipatile*
7. “Uma mulher briguenta dá à luz com dificuldade”
8. Jogo para *Orímojajuwon*¹⁵
9. Filho de *Magala*¹⁶, que usa *ade’wo*¹⁷
10. Quando os Òrìsà queriam lutar com ele, para domina-lo.
11. Foi dito para *Orí* que ele deveria ter sempre em casa,
12. Muitos tipos de comida,
13. E muitos tipos de bebida,
14. *Orí* ouviu, ele fez assim.
15. Sim! Ali estava *Orí*
16. Ali também estava *Ajé*¹⁸
17. *Ajé* não tinha marido para conversar, o que ela deveria fazer?
18. Eles disseram que ela deveria pegar dois *obì*
19. E ir falar com *Orí*
20. Quando *Ajé* pegou os dois *obì* e estava no caminho
21. Ela encontrou os dezesseis Òrìsà
22. Ela passou entre eles sem os saudar
23. *Sàngó* disse:

¹² Também chamado *Ejionilè*

¹³ Nome de um sacerdote de *Ifá*.

¹⁴ Deus dos remédios feitos com ervas (fitoterapia), que conhece os poderes das ervas.

¹⁵ “*Orí* é a melhor defesa”

¹⁶ Sem identificação.

¹⁷ Coroa de búzios.

¹⁸ Deusa do dinheiro.

24. “Você mulher, que está passando, por que não nos saudou?”
25. Ela disse:
26. “Eu? Quando? Eu não os vi.”
27. Sàngó levantou-se, e tomou os *obì* das mãos de *Ajé*
28. Ele pegou um *obì* e comeu-o inteiro,
29. E outro ele guardou para levar a Olofin.
30. Eles foram.
31. Quando *Orí* estava sentado com Olofin
32. Sàngó veio, saudou Olofin, e lhe deu o outro *obì*
33. Olofin agradeceu-o.
34. *Orí* disse:
35. “Quem tomou *obì* de *Ajé*?”
36. Sàngó disse: “Fui eu”.
37. *Orí* disse:
38. “Isto mostra justamente como você é estúpido por toma-lo”
39. Sàngó disse: “Eu? *Lakio*?”¹⁹
40. Ele disse:
41. “*Orí*, o que você pode fazer?”
42. Eles começaram a lutar,
43. *Orí* pegou Sàngó e lançou-o para *Kòso*
44. Òrìsà Oko disse: “Ha! meu amigo.”
45. *Orí* o pegou e lançou-o para *Irawo*
46. *Ifá* disse: “Ha! Meu irmão caçula.”
47. *Orí* o pegou e lançou-o para *Ado*
48. Ele pegou Oya e lançou-a para *Ira*
49. E lançou Eégún para *Oje*
50. Sànpànná disse: “Ha! Quem é você para me lançar.”
51. Ele pegou Sànpànná e lançou-o para *Egùn*
52. Ele pegou Elégbára e lançou-o para *Iworo*

¹⁹ Sem tradução.

53. Ha! Ele lançou *Obalufon* para *Èrìn*
54. O que estava acontecendo?
55. O que eles poderiam fazer?
56. Eles foram embora.
57. *Òrìsà Oko* em *Irawo* disse que eles deveriam fazer assim.
58. No terceiro ano, eles reuniram-se novamente,
59. Eles disseram:
60. “*Orí*, nossa luta de outro dia, nós lutaremos novamente”
61. “Para ver como *Orí* poderá lançar-nos todos juntos”
62. Eles vieram para a casa de *Orí*
63. E *Orí* estava ali
64. Quando os *Òrìsà* chegaram
65. Eles disseram:
66. “*Orí* o! *O ku o!*”
67. “*Orí!* Saudações”
68. *Orí* respondeu: “*Oooo!*”
69. Eles disseram: “Venha”
70. “A luta de outro dia está de volta”
71. *Orí* veio para fora,
72. Ele disse: “*Ha!*”
73. Ele disse: “Você *Òrúnmilà*, você está aí?”
74. Ele respondeu: “Eu estou aqui”.
75. “Eu pensei que você fosse chamado: O pequeno que vive com sua sabedoria”²⁰
76. “Mas você está aprendendo a ser tolo”
77. “Você está não está aprendendo sabedoria”
78. “Quando eu lancei você para *Ado*”
79. “O que é que você tinha?”
80. “Você é aquele que eles estão cultuando em *Ado*, hoje”

²⁰ Uma referência ao fato de *Òrúnmilà* ser pequeno e fraco, mas vive da sabedoria que adquiriu. Um *itàn* do jogo de búzios coletado por Bascom fala que *Obátálá* deu a ele a função de divinador por ele ser fraco e não ter como sobreviver (Bascom 1993, p. 18).

81. Ele disse: “*Sàngó*, o que é que você tinha?”
82. “Você é aquele que eles estão cultuando em *Kòso* até hoje”
83. Ele disse: “*Òrìsà Oko*, quem era você?”
84. “Você é aquele que eles estão cultuando em *Irawo*, hoje”
85. Ele disse: “Você *Sàpànná*, o que é que você tinha?”
86. “Você é aquele que eles estão cultuando em *Egùn*, hoje”
87. Ele disse: “Você *Elégbára*, o que você tinha?”
88. “Você é aquele que eles estão cultando em *Iworo*, hoje”
89. Ele disse: “Você, *Oro*, quem eles estão cultuando em *Olufon*, hoje?”
90. Ele respondeu: “Sou eu”
91. Ele disse: “O que vocês eram antes?”
92. Ele disse: “Você *Eégún*, o que você tinha antes de chegar em *Ojé*?”
93. Ele disse: “Você ouviu isto *Obalufon*?”
94. Ele respondeu: “ Eu sou aquele que eles estão cultuando em *Ẹrĩn*”
95. Ele disse: “Então, qual é o assunto?”
96. Eles disseram entre eles:
97. “É verdade, os lugares para onde ele nos lançou, foram bons para nós”
98. “Vamos esperar para ver o que ele fará”
99. Eles entraram na casa de *Orí*
100. *Orí* deu comida para eles,
101. *Orí* deu bebida para eles.
102. Quando eles terminaram de comer e beber,
103. Eles começaram a dançar, eles estavam alegres,
104. *Orí* estava louvando *awo*²¹
105. E o *awo* estava louvando *Òrìsà*
106. *Awo* tinha falado a verdade.
107. *Oluwára Okun*
108. *Abori le kókó bi serín*
109. “Aquele que tem a cabeça dura como ferro”

²¹ O adivinho.

110. *Èku Osanyin wo òòrun ma la*
111. “As sementes de *Osanyin*, o sol bate mas não as racha”
112. *Alawo nwon ni bimo tipatile*
113. “Uma mulher briguenta dá à luz com dificuldade”
114. Jogo para *Orimójajuwon*
115. Filho de *Magala*, que usa *ade’wo*
116. *Orí* estava cantando:
117. “*Orimójajuwon, Orimójajuwon*”
118. “*Eni Orí da ko la fara we o*”
119. “*Orimójajuwon, Orimójajuwon*”
120. “*Eni Orí da ko la fara we o*”
121. “*Orí é a melhor defesa, Orí é a melhor defesa*”
122. “Aquele cujo *Orí* é bom, nada é melhor”
123. “*Orí é a melhor defesa, Orí é a melhor defesa*”
124. “Aquele cujo *Orí* é bom, nada é melhor”
125. Foi assim que *Orí* superou todos os *Òrìṣà*
126. *Òrìṣà* diz que *ire*²² é o que ele está vendo
127. Assim *Òrìṣà* tem falado.
128. Onde nós vemos *Ejìogbè*
129. A pessoa deve fazer um *ìborí*²³
130. Assim *Òrìṣa* tem falado.
131. *Ejìogbè*.

²² Todas as coisas boas.

²³ Oferenda ao *Orí*.

5. O BORI DE PIERRE VERGER²⁴

Apresentaremos agora um artigo de Pierre Verger: “*Bori, première cèrèmonie d’initiation au culte des orisa nago à Bahia au Brésil*” (Bori, primeira cerimonia de iniciação ao culto aos *Òrìsà Nágò* na Bahia, Brasil) que mostra um rito de bori “tradicional” afro-brasileiro.

A primeira publicação ocorreu em 1951, na Revista do Museu Paulista, NS, São Paulo, 9:269-91, 1955, em francês. A segunda publicação também em francês, foi no livro “Notes sur le Culte des Orisa et Vodun a Bahia”, Memoires do l’Institut Français d’Afrique Noire, n°. 51, Dakar, 1957, pp. 8095. A terceira publicação, desta vez, na coletânea *Olóòrìsà, Escritos sobre a Religião dos Orixás*, organizada por Carlos Eugênio Marcondes de Moura, pela editora Ágora, São Paulo, com tradução também de Carlos Eugênio. Esta última será a publicação que transcreveremos.

Verger informa a data do rito como sendo 1951, mas não informa quem é o sacerdote oficiante, nem o templo religioso, embora deixe claro ter o rito ocorrido na Bahia.

O artigo é dividido em três partes: 1ª parte, o bori propriamente dito; 2ª parte, a lavagem de contas; 3ª parte, sacrifício aos *Òrìsà*. Publicaremos apenas a primeira parte, pois é a que está relacionada ao propósito deste trabalho.

Este texto de Verger não tem a pretensão de ser a descrição completa do rito, ou ser a última palavra do assunto. Segue agora o texto de Verger, em fonte diferenciada:

²⁴ O título sugestivo é nosso.

BORI, PRIMEIRA CERIMONIA DE INICIAÇÃO AO CULTO AOS ÒRÌSÀ NÁGÒ NA BAHIA, BRASIL.

“Eis uma breve descrição de uma primeira cerimônia de iniciação ao culto dos Òrìsà da nação nagô Ketu, realizada na Bahia, Brasil, em fevereiro de 1951. Consiste no borí e oferendas à cabeça.

1. Preliminares

Na véspera, na terça-feira, por volta das sete horas, após tomar um banho frio, o futuro iniciado vai para o aposento vizinho ao peji ou *ilé Òrìsà* (local onde se encontra os altares dos Òrìsà).

Está vestido de branco, e senta-se diante da parede divisória do *peji*, isolado do solo unicamente através de um lençol branco estendido sobre a esteira. Não tem nada sobre a cabeça, apresentase descalço, com as pernas esticadas e as mãos espalmadas, colocadas sobre o joelho.

Um tecido branco está pregado na parede, atrás dele, e seus ombros estão cobertos por um véu branco. O *bàbálórìsà* senta-se diante dele em um banquinho. Sobre a esteira e em volta dele acham-se dispostos recipientes que contém:

1. água
2. azeite de dende
3. mel
4. sal
5. *obi*
6. *àkaràjẹ* (*akara* no Dahmey)
7. *akassá*
8. dinheiro
9. uma grande cuia vazia
10. velas
11. uma faca
12. duas galinhas de angola
13. dois pombos, vivos, com as pernas amarradas.

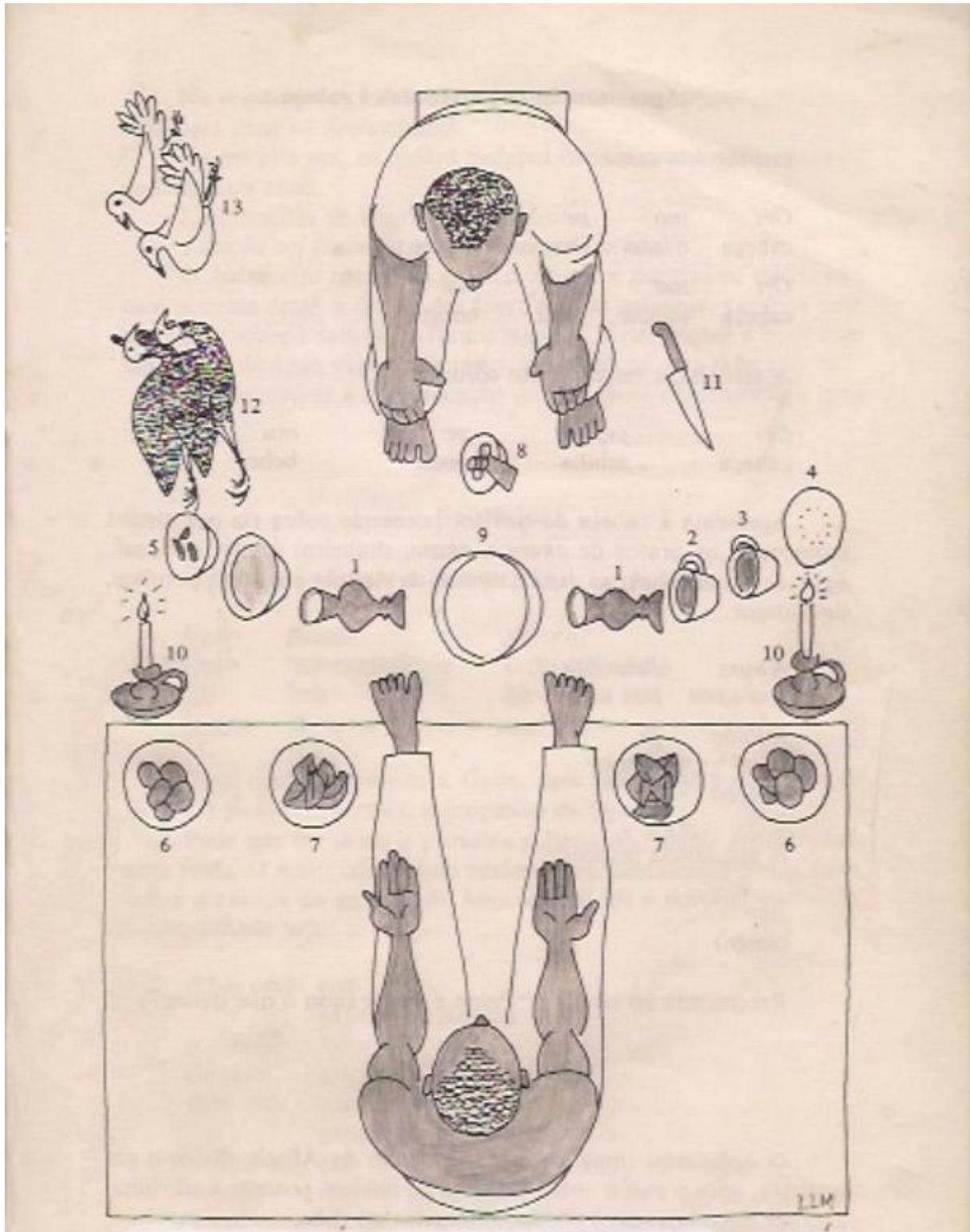


Imagem: *Olóòrìsà*, escritos sobre a religião dos orixás, p. 37, Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Org.) São Paulo, Editora Ágora, 1981. (o contraste é nosso)

O *bàbálórìṣà* invoca:

Àgò Irúnmólè

Permissão quatrocentos Òrìṣà

Àgò Igbamólè

Permissão duzentos Òrìṣà

Àgò mojúbà

Permissão eu saúdo

Àgò mojúbà òrun

Permissão eu saúdo o céu

Àgò mojúbà ilè

Permissão, eu saúdo a terra

Àgò mojúbà ewé

Permissão, eu saúdo as folhas

Àgò mojúbà omi

Permissão, eu saúdo a água

Àgò mojúbà bàbá

Permissão, eu saúdo o pai

Àgò mojúbà iya

Permissão, eu saúdo a mãe

Àgò mojúbà elédàá mi

Permissão, eu saúdo meu criador

2. Apresentação das oferendas à cabeça:

Em seguida, canta:

Orí mo pè jẹ

Eu chamo a cabeça para comer

Orí mo pè mu

Eu chamo a cabeça para beber

Todos respondem em câoro:

Orí pè jẹ, o pè mú

Chamamos a cabeça para comer beber

Apresenta então à cabeça do noviço, pousando sobre ela por alguns momentos, os pratos de akarajé, akassa, dinheiro, azeite, mel, sal, água das quartinhas, as duas galinhas de Angola, e os dois pombos, cantando:

Awure fu wú're

Boa sorte, boa sorte

Kolobo se

?

Awa júbà se kolobo

Nós louvamos ?

A assistência responde :

Àse!

Amém !

Recomenda então ao noviço: “pense e deseje tudo que quiser [de bom]”.

3. Adivinhação

O *babalòrìsà* toma um obì importado da África, divide-o em quatro e, após passar sobre a cabeça do noviço, procede à adivinhação por meio de quatro pedaços jogados no chão.

Na primeira vez, dois pedaços caíram com a parte concava voltados para cima:

– favorável.

Na segunda vez, três pedaços caíram com a parte côncava voltada para cima:

– desfavorável.

Na terceira vez, os quatro pedaços caíram com a parte côncava voltadas para cima:

- Totalmente favorável -*Alàáfia*: exclamações de alegria da assistência.

O *bàbálórìsà* toma um pedaço de *obi* e mastiga-o, misturando com pimenta (*ata*), a fim de dar força às suas palavras, e coloca uma parte dele sobre a cabeça do futuro iniciado. Após encher a boca com um pouco de água, vaporiza, soprando sobre na cuia *igbá-orí* (cua da cabeça). Estabeleceu-se assim a comunicação mística entre o *Orí* (cabeça) e o *igbá-orí*.

4. Sacrifícios:

O *bàbálórìsà* segura a faca e canta:

Ògún s'oro s'oró

Ògún faz a cerimônia

Ejẹ balẹ ká ara rò

O sangue derramado na terra acalma o corpo

Esta cantiga refere-se à *Ògún*, pois este *Òrìṣà* é o senhor do ferro, e é preciso invocá-lo, a propósito da faca. Pede que lhe deem a primeira galinha de angola (*etù*), coloca uma folha na mão, coloca nela azeite e mel, e juntamente com a faca, cobre a cabeça da galinha de Angola, cortando-a, cantando, acompanhando pelos presentes:

Bí bi o bí bi etù

Nasceu, você nasceu da galinha de angola

Etù éiyekéiyé

a galinha de angola

Bí bi bíbi etù

Nasceu, nasceu da galinha de angola

Orí o bíbi etù

Orí, você nasce da galinha de angola

Faz o sangue correr na cuia (*igbá-orí*), apresenta o pescoço da galinha decapitada ao futuro iniciado e manda que ele lamba três vezes o sangue com a ponta da língua. Em seguida o marca com o sangue, apertando o pescoço da ave em sua cabeça, testa, têmporas, nuca, interior das mãos esquerda e direita, o dedo grande do pé direito, e faz novamente o sangue correr na cuia. No caso presente, o sangue é colocado apenas no dedão do pé direito, que simboliza o pai morto, e não no dedão do pé esquerdo, pois a mãe do noviço ainda vive. Se ambos os pais ainda vivessem, seus pés não receberiam sangue; caso contrário, ambos os pés receberiam as marcas.

Durante a operação, o *bàbálórìṣà* canta, acompanhando pela assistência:

Èjẹ yi gbalare orí mpa o

Sangue este cabeça matar-vos (?)

A segunda galinha d'angola é sacrificada, obedecendo ao mesmo rito, e os dois pombos são também sacrificados, mas suas cabeças, ao invés de serem cortadas, são presas entre o dedo maior do pé e os demais, sendo assim arrancadas. Na cantiga, a palavra *ejyẹ* (pombo) irá substituir a palavra *etù* (galinha de angola).

O *bàbálórìsà* pega as quatro cabeças que estavam junto aos corpos dos animais sacrificados, e coloca-as no *ìgbá-orí*, cantando:

Orí abodi ogege má ni o
Cabeça dividir coisa completa, é isto

O *bàbálórìsà* corta em seguida as patas das aves e coloca-as no *ìgbá-orí*, cantando:

Esè etù kò o ma tẹ u
Pé da galinha de angola, ele não pisará [em nada ruim]
Esè eiyelé kò o ma tẹ u
Pé do pombo, ele não pisará [em nada ruim]

Em seguida, canta para o azeite de dendê (*epo*):

Epo di èrò ni ojú olójà
O azeite de dende acalma o [dono do] mercado

Canta para o sal (*iyò*):

Ki ko ro má ra iyò
O sal não comprará nada amargo

Canta para o mel (*oyin*):

O dùn ba t(i) olá iba t(i) olà
Que a doçura [do mel traga] o respeito e a honra

E misturando o azeite de dende, o sal e o mel em uma cuia, canta:

Iyò oyin epo ro
Misturo sal, mel e azeite de dende
O dùn ba t(i) olà t(i) owó
Que encontre a doçura, a honra, o respeito e o dinheiro.

Deposita esta mistura na cuia *ìgbá-orí*, e sobre os diversos pontos da cabeça (*Orí*) e do corpo (*ara*), já marcados com sangue, colocando em seguida as penas maiores das aves em torno (mas dentro) da cuia, à guisa de coroa, canta:

Igbá gbogbo bò iye eiyẹ

Toda a cabaça é coberta com a pena da ave

Coloca as penas menores sobre os diversos pontos marcados com sangue, azeite e mel, reservando as mais brancas para a cabeça, e em seguida, formula os seguintes votos:

Kò o máà kú

Não haverá morte

Kò o máà àrún

Não haverá doenças

Kò o máà se ijá

Não haverá brigas

Kò o máà se òfò

Não haverá prejuízos

Bárin dé dé wa

Entre nós

Coloca algumas penas pequenas sobre o *igbá-orí*, cobre a cabeça do futuro iniciado com um pano em forma de turbante, e cobre também a cabeça e o corpo com um outro véu, deixando de fora apenas um rosto imóvel, no qual avultam os olhos muito abertos.

O *bàbálórìsà* canta:

Orí ebo

Oferenda à cabeça

Olórò mbo

Adoramos o dono da riqueza

Bá awa ati mi

Nós e você

Orí awa ri asíki awa di agba

Nosso orí envelhecerá com prosperidade

Emi pe Orí

Eu chamo *Orí*

Recomenda: “Não pense nada de mal, pense somente no bem”.

Faz com que ele beba água dos dois recipientes, e coloca-os perto do *igbá-orí*, cobrindo-os com um pano branco. Retira-se, seguido da assistência, e o futuro iniciado permanece sozinho no aposento, vigiado por uma *iyawó*.

O corpo dos animais sacrificados são levados para a cozinha e preparados, com exceção da cabeça, dos pés e dos miúdos, os quais, por se tratar de oferendas à cabeça, não são cozidos, mas servirão, uma vez secos e triturados, para fazer *isé* (trabalhos).

5. A cabeça come

Por volta das onze horas da noite, os véus que cobrem o futuro iniciado são removidos. Todos os alimentos cozidos, bem como os pratos de *àkarà* e de *akasa*, são apresentados à cabeça, pelo *bàbálórìsà*, que diz:

Orí mi ire o!

Meu orí, boa sorte para você!

Coloca parte do *akasa* na cuia *igba-orí*, e passa à distribuição da comida. Põe de lado o *àse* (miúdos): pescoço, ponta das asas, coração, fígado, moela e carne de peito, faz com ele bolinhas colocadas na cuia *igbá-orí* e, em parte, sobre a cabeça do futuro iniciado, cantando:

Orí jé loni

Orí come hoje.

Dá de comer ao futuro iniciado e ele mesmo come. A assistência canta:

Orí a pè're oni jé loni

Cabeça que atrai felicidade, hoje come hoje

Orí adá iyè oni jé loni

Cabeça viva, hoje come hoje

A assistência também come. É uma refeição comunitária com a “cabeça”. Caso alguém recusasse a comida, a “cabeça” ficaria ofendida. Todos os ossos são reunidos em torno do *igbá-orí*. O *bàbálórìsà* bebe água, fala das crianças que vão nascer hoje, faz o futuro iniciado beber água dos dois recipientes, desejando:

Omi tútù

Água fresca

Koma kú

Que não haja morte

Koma run

Que não haja doenças

Koma já

Que não haja brigas

Koma fo

Quer não haja prejuízos

Arin dedewa

Entre todos nós

6. Nascimento do noviço para a seita

O *bàbálórìsà* canta:

Orí apere

Cabeça que atrai felicidade

Orí emi emi emi

Cabeça minha

Orí gbogbo l'òrun o

Cabeça interia no céu

Orí eje eje eje

Cabeça sangue

Orí wú u u u

Cabeça aumenta

Orí mo gbò

Pronuncia tres vezes em seguida o nome do futuro iniciado:

O x..... o *fu*

(nome) em seguida

O x..... o *fu*

(nome) em seguida

O x..... o *fu*

(nome) em seguida

Ofu aniyaga

Em seguida?

Ao ouvir o terceiro apelo, o iniciado levanta-se. Nasceu para a seita, e a assistência aplaude. O futuro iniciado agora pode falar, vem pedir a benção do *bàbálórìṣà*. Diz “boa noite” e é assim que se inicia simbólicamente sua educação como criança. Volta a deitar-se. O *bàbálórìṣà* e a assistência se retiram. Já é quase meia-noite.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas áreas mais distantes, nos extremos do Brasil, temos a perda de um conceito importante, que é o conceito de *Orí* como *Òrìṣà* individual, independente do conceito de *Òrìṣà* coletivo. A perda da individualidade do *Orí*, e do seu culto desatrelado do *Òrìṣà*, refletiram diretamente no rito do *borí*. Nessas regiões mais afastadas dos grandes centros afro-religiosos, ao invés de praticarem uma liturgia de culto e oferenda ao *Orí*, tal qual os iorubas, ao contrário, fazem do *ìborí* uma pré-iniciação de *Òrìṣà*, com cânticos e representações rituais relativas ao *Òrìṣà*, e não ao *Orí*.

Sabemos que os vários segmentos das religiões afro-brasileiras foram formados, adaptados e resgatados no Brasil a partir das matrizes das religiões tradicionais africanas, e que isso gerou diferenças regionais. Mas, algumas dessas “adaptações e resgates” conflitam diretamente com os conceitos originais da Religião Tradicional Iorubá, numa via de duas mãos entre a adaptação e a reinvenção.

No estudo das religiões afro-brasileiras não podemos desconsiderar a influência dos escritos acadêmicos, “num campo de estudo que se encontra cada vez mais sufocado pelo academicismo problemático” (Niyi Afolabi)²⁵

Quando estes escritos, e por consequência a readaptação do rito, vão de encontro à matriz africana, não há nenhuma crítica, pois trata-se de um resgate verdadeiro, um retorno às origens. A crítica se faz é quando modificam o rito distanciando-se da origem, ou mesmo, contrapondo-se a ela, apenas para satisfazer a vaidade intelectual do escritor. Essa transcrição e produção de textos sobre africanidade, é assim observada por Brumana (2007):

²⁵ Niyi Afolabi, Universidade do Texas, USA. Prefácio para o livro “[Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu](#)”, Aulo Barretti Filho (Org.), Edusp, São Paulo, 2010.

“A transcrição de textos orais de diferentes culturas africanas foi, desde o começo, um problema a que os estudiosos de diferentes nacionalidades e provenientes de diversas tradições disciplinares deram soluções diferentes: há textos do século XIX nos quais narrações em *wolof* e *peul* estão registradas em alfabeto árabe. A pseudo-africanização linguística está empregada com o objetivo de tornar líquido e certo, o que não é mais que seu particular recorte de objeto – a identificação transatlântica – sem levar em conta o paradoxo que assinala.”

Se por um lado, alguns segmentos afastados perderam o conceito do rito do borí ao realizá-lo como uma pré-iniciação de *Òrìṣà*, por outro, a reafrikanização protagonizada por sacerdotes intelectuais incluíram objetos ritualísticos estranhos ao rito do borí tradicional iorubá e afrobrasileiro, entre eles, uma pedra (*ota*) que não existe no *igbá-orí* ioruba, o qual, aliás, nem sequer é necessário.²⁶ Segundo Aulo Barretti, a reafrikanização não tem um padrão (comunicação pessoal).

Segundo Nathan Lugo, consultado (2011) por nós sobre o assunto os iorubas não utilizam pedra (*ota*) no *Ilé-Orí*, em nenhum tipo de rito, sob nenhum pretexto.

Convém lembrar que o candomblé tradicional não realiza o assentamento de *igbá-orí*, como pudemos ver no texto de Verger, de maneira que o elemento pedra (*ota*) não está presente no rito do borí registrado por Verger, conforme transcrevemos.

Enquanto o candomblé tradicional não faz assentamento de *Orí*, o Batuque do R.S. o conservou sob o nome popular de “borido” ou ainda “cremeira”, com rito próprio e diferenciado do que foi aqui descrito.

No conceito ioruba o significado do *Ilé-Orí* vai muito além do que simplesmente “cabeça”, pois aglutina em uma única palavra diversos conceitos relativos à espiritualidade, origem, destino e imortalidade e individualidade.

O estudo de *Orí* está obrigatoriamente atrelado ao estudo da Noção de Pessoa, isto é, aquilo que o ser humano acredita ser ele próprio, cuja noção está implícita no rito do borí. Nele (*Orí*) está

²⁶ *Elégùn Sàngó Aláàfin Òyó, Sàngódele Ibuowo*, Youtube, Canal *Àṣà Òrìṣà Aláàfin Òyó*. Acessado em 15/03/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PJhk1w9fwtQ&t=10s>. Para a entrevista de Nathan Lugo, ver <http://iledeobokum.blogspot.com/2011/06/erick-wolff8-sao-paulo-07062011-outro.html>.

o nosso destino e nossa ancestralidade. Os textos míticos mostram *Orí* como superior até mesmo aos *Òrìṣà*, pois é cultuado também por eles.

Na religião tradicional iorubá, nenhum *Òrìṣà* exerce poder sobre o *Ilé-Orí* (quando ele existe), evidenciando assim não só a individualidade de *Orí* no campo das ideias, como também a independência do rito do borí, desatrelado do *Òrìṣà*, no campo da liturgia.

Sem querer fazer liturgia, mas já fazendo, enfatizamos que não há cantigas de *Òrìṣà* no borí, e as religiões afro-brasileiras regionalizadas “nos pontos mais meridionais” registrada por Herskovits, realmente precisam rever seus ritos.

Concluimos: “O rito do borí não é para *Òrìṣà*, é para *Orí*.”

BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, Wande – *Sixteen Greats Poemas of Ifa*, Lagos, Unesco, 1976.

_____. *Ifá, an exposition of literary corpus*. Ibadan, Oxford Univ. Press, 1976b.

AFOLABI, Niyi. In, Barretti Filho, Aulo – “*Dos Yoruba ...*”, prefácio.

ABRAHAM, R.C. - *Dictionary of Modern Yorùbá*, Hodder and Stoughton, London, 1962 [1946].

BARRETTI FILHO, Aulo (Org.) - [*Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu*](#), origens, tradições e continuidade, Edusp, São Paulo, 2010.

BASCOM, William – *Sixteen Cowries, yoruba divination from Africa to the New World*, Indiana, Indiana University Press, 1993.

BRUMANA, Fernando Giobelina. - “Reflexos Negros em Olhos Brancos: a academia na reafrikanização dos candomblés”, in, *Afro-Ásia*, 36, 2007, p. 153-197 .

CMS – *A Dictionary of the Yorùbá Language*, Ibadan, University Press, 2001 [1950].

HERSKOVITS, Melville J. “The Southernmost Outposts of New World Africanisms”, in: *American Anthropologist*, New Series, vol. 45, oct-dez, 1943, n. 4, p. 1

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Org.) - *Olóòrìsà, escritos sobre a religião dos orixás*, Ed. Ágora, São Paulo, 1981.

OMIDIRE, Felix Ayo – Àkògbádùn, Salvador, EDUFBA, CEAO, 2004.

SALAMI, Ayo Chief. - *Yorùbá Theology an Tradition: the man & the society*, NIID Limited Pub., Ojoagbi House, Oyo, 2008.